



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. G. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, e te

SUMMARIO

TEXTO: *Chronica*, por Santilhana.—*A abertura do hospital das Caldas da Rainha*, por Pinheiro Chagas.—*Historia de quinze annos*, por Alberto T. Hes.—*Litteratura russa, uma ballada*, (versão) por Eduardo de Sequeira.—*As nossas gravuras*—*Em familia (passatempos)*—*Um conselho por semana*—*A rir*—*O côro dos Anjos*, conto, trad. de A. Gallis;—*O quadro*, conto, por J. Maria da Costa.

GRAVURAS: Antonio Maria Barreiros Arrobas.—*Barão de Aquiar de Andrada*.—*O vapor «Serapis»*.—*O exodo dos Fabios*.—*Um theatro da antiga feira das Amoreiras*.

CHRONICA

Foi-se o rei Oscar.

Contra o que me pediu Joaquim Lima, na sua epistola azeda de quem está, salvo seja, damnado, por não ter tido uns feriados providenciaes, eu não posso ser de fel e vinagre para com a muito alta magestade sueca, que nenhum mal me fez, e que, por differentes titulos, é credora das minhas sympathias.

Não vá Joaquim Lima apodar de suspeitos estes sentimentos, julgando os influenciados por uma especial predilecção que eu professe pelo bacalhau. Fique sabendo o collega e saibam-n'o todos, que desadoro o *fiel amigo* e que tive ha muitos annos o cuidado de me munir d'uma bulla sellada com as chaves de S. Pedro e a competente mitra pontificia, para poder banil-o da minha meza e do meu estomago em tempo de quaresma, sem receio de peccado ou de excommunhão maior.

Não é pois o amor do bacalhau sueco que me impulsiona a olhar com bons olhos para o nosso real hospede de cinco dias; sympathisei com elle, cahiu-me em graça, não porque elle cahisse no real dispauterio de me contemplar com algum grau das ordens de Gustavo Wasa, da Espada, de Santo Olavo ou da Estrella Po-

lar, mas porque inventou um systema novo de gratificara creadagem dos hotéis e dos paços reaes sem dispender um vintem, o que é realmente commodo e sobretudo barato.

S. Magestade sueca, considerando que os tempos não vão muito azados para prodigalidades e larguezas, e sabendo que toda a gente em Portugal era condecorada, menos a classe dos creados de servir, antes de pôr pé nos nossos dominios mandou expressamente cunhar umas medalhas de pechibesque com a real effigie, e creou assim a muito nobre ordem dos serviçaes, que á despedida mandou distribuir por quantos sopeiros e sopeiras lhe fizeram a cama ou lhe engraxaram as regias botas no palacio da Ajuda.



ANTONIO MARIA BARREIROS ARROBAS

Bastaria este invento, denunciador d'um espirito culto, para que eu professasse por Oscar II da Suecia a mais entranhada sympathia.

Ha no hotel Nunes, em Cintra, uma creadita de seios tumidos, riso provocador e fresco, boa vontade para tudo quanto se lhe pede, e abundancia de requisitos indispensaveis á gente do seu mister, que todos os annos, finda a temporada veranhesca, me apanha, á despedida, uma gorgeta de libra *y pico*. E' claro que a merece, pela excellencia dos seus serviços profissionaes, mas as posses d'um chronista é que não chegam para tanto, quando esse chronista não tem a boa sorte de ser uma das victimas sobreviventes do incendio do Baquet, ou um herdeiro authentico do conde de Santa Eulalia.

Pois agora, visto o exemplo salutar e economico do soberano da Suecia, a formosa creadinha do Nunes nunca mais tornará a apanhar me a larga esportula desiquilibradora das minhas finanças modestas. Mando cunhar em cobre umas medalhas da ordem Santilhana, pendentas de garridos laços de fita escarlate, e pela manhã cedo, ao abalar do comboio para Lisboa, condecoro solemnemente a rapariga.

Não ficará muito rica, a pobre pequena, mas fica chapada, e poderá luzir orgulhosamente a venera, ao domingo, entre a creadagem da pittoresca villa, á hora da missa conventual.

Pelos cafés, o mesmo. Nos gabinetes reservados dos restaurants, idem. Em vez do *pourboire* do estylo, a medalha de cavalleiro da ordem. A primeira vez que vá ao Martinho, heide condecorar o Valentim. E esse, merece o, porque tem nariz para muito mais.

A serio agora.

A magestade sueca foi honrada, durante a sua visita a Lisboa, com um concerto por amadores e artistas em S. Carlos, com um passeio a Cintra e com um fogo d'artificio amphibio. Dizemos amphibio, porque ardeu no Tejo e no Aterro; dentro e fóra d'agua.

Não acompanhámos a côrte pelos meandros da Pena, nem corremos a foguetes pelo Aterro, mas assistimos ao concerto de gala em S. Carlos, sahindo de lá tristes, como o rei Oscar por certo deveria ter sahido, se o seu affecto pelo soberano portuguez é mais humano que real, e se affasta, em grandeza, do commum dos affectos permutados entre zumbaias convencionaes de etiqueta, no interior dos alcaçares.

Na larga tribuna das noites festivas, illuminada em gala, onde tantas alegrias teem vibrado intensamente, no decorrer de muitos annos felizes, havia um lugar vago: era o de el-rei D. Luiz. Faltava ali, entre aquelles rostos de cortezãos e principes, o rosto sympathico e attrahente do chefe do Estado; havia ali de menos uma phisionomia alegre e um sorriso bonissimo e puro. Portanto, havia de menos... tudo: a alegria communicativa e profundamente sentida, os jubilos festivos, as vibrações do enthusiasmo.

E' que el rei não estava, e é elle quem imprime a todas as grandes festas solemnes a nota alegre que as torna esplendidas e brilhantes. El-rei não pode ir, como não pode fazer as honras da casa ao seu hospede, ao seu amigo dilecto.

Prende-o ao leito uma doença grave; e por mais que os órgãos do governo procurem occultar o seu estado, e por mais que a lithurgia canonica se desentranhe em apparatusos *Te-Deum*, louvando o Altissimo pelas melhoras do enfermo, o desventurado monarcha não melhora, e a triste realidade do seu penoso martyrologio cada vez se evidencia mais!

Conheceram-se e começaram a estimar-se, o rei da Suecia e o rei de Portugal, eram ambos marinheiros,

estavam ambos na plena efflorescencia da vida e da mocidade, cheios de esperanças côr de rosa, com um thesouro de alegrias dentro das suas almas juvenis. Aproximou-os um do outro, estreitou-os n'um forte abraço d'irmãos, o entranhado amor que ambos tinham pelas lettras, pela vida do mar, pela liberdade, pelo progresso e engrandecimento dos seus respectivos paizes. Um dia, depois de cingirem a corôa, tornaram a ver-se, ambos vigorosos ainda, risonhos e contentes. Agora, reviram-se de novo aqui, mas quantas lagrimas teriam embaciado os olhos d'ambos, presentindo um e outro que essa entrevista seria talvez a ultima, que o adeus da despedida seria—quem sabe—o derradeiro!

Emquanto Oscar da Suecia fazia as ma'as e distribuia pelos famulos do Paço as medalhas da ordem da creadagem, em guiza de gorgeta, desencadeavam-se ás nossas vistas duas tempestades medonhas,—duas trovoadas de maio—uma nos espaços, e outra em S. Bento.

A que ribombou nas alturas, não teve consequencias funestas, que nós saibamos. A que se circumscreveu aos ambitos da representação nacional, muito mais prodiga em raios e coriscos, destruiu as carteiras da Camara e assombrou um dos mais iracundos deputados da minoria.

Segundo escreveu o capitão Francisco Machado na sua correspondencia para a *Provincia*, as inoffensivas carteiras feitas em fanicos pelo raio parlamentar, não serão d'esta vez concertadas nem substituidas. Tem sido tão tempestuosa a actual sessão legislativa, que já se exgotou por completo a verba destinada para equelle fim no orçamento. Fique-o sabendo o paiz, e saiba-o tambem S. M. Oscar II da Suecia e Noruega.

—Nunca se vio isto no seio da representação nacional do meu paiz! disse o rei sueco á despedida, quando lhe traduziam no seu idioma o *compte rendu* do chinfrin de S. Bento.

Podera, real Senhor! E' que os seus deputados tomam figado de bacalhau em oleo, enquanto que os nossos ingerem figados de tigre em pillulas!

SANTILHANA.

A abertura do hospital das Caldas da Rainha

No dia 15 de maio do corrente anno de 1888 abriu-se com a solemnidade costumada o hospital real das Caldas da Rainha. Vae funcionar até ao dia 15 de outubro, quer dizer, durante cinco mezes seguidos, cinco mezes que são para as Caldas uma época de prosperidade e de riqueza. Sempre o fóram; sel-o hão mais agora, que a formosa villa está ligada pela linha de Lisboa e de Alfarellos directamente com o norte e sul do reino, e tambem directamente com toda a Europa. Aproveito o ter assistido a essa solemnidade para dizer algumas palavras ácerca d'este importante estabelecimento thermal, palavras que não poderão deixar de interessar os leitores d'este semanario, porque se trata de coisas portuguezas que não são muito conhecidas do publico em geral.

Em primeiro lugar fallaremos da festa, que é simples, demasiadamente simples talvez, mas que é ainda assim encantadora. Quem sabe se ella não desaparecerá completamente d'aqui a pouco? Vão affluir de certo numerosos estrangeiros ás Caldas, e nós temos sempre muita vergonha dos estrangeiros. Não acharão elles ridicula esta usança? não acharão ridiculas estas ingenuas imagens allegoricas feitas de flores? Não acharão extremamente reaccionario, e indigno do seculo XIX, o costume de se associar a religião a esta festa profana, de se ajoelharem diante da Virgem antes de se abrirem as enfermarias? Melhor será talvez que se saiba como é que se abre solemnemente o estabelecimento thermal de Vichy, para copiarmos a formula, e mostrarmos aos estrangeiros que estamos completamente á sua altura. E' assim que em tudo procedemos, sem percebermos que o grande desapontamento dos estrangeiros está exactamente em virem encontrar nas nossas terras a copia do que deixaram nas suas.

Como a uniformidade está sendo a lei suprema da civilização contemporânea, as viagens, á medida que se vão tornando mais fáceis, vão-se tornando também mais inspidas.

Vamos pois contando o que é a cerimonia de hoje, provavelmente já menos bella do que seria a cerimonia dos tempos passados, mas que póde ser tambem o que tenha dentro em pouco desaparecido.

Ao meio dia em ponto saiu da sua residencia official o actual administrador, o sr. conselheiro Francisco Eduardo de Andrada Pimentel, acompanhado pelos seus tres medicos, tres empregados superiores, e dirigiu-se á igreja, construida segundo os moldes architectonicos do seculo XVIII, frios, de certo, mas correctos e magestosos. Ali foi recebido pelo capellão, que o aspergiu com agua benta, e, depois de terem todos dobrado o joelho diante do altar da Virgem, enquanto o órgão tocava docemente um vago prelude religioso, dirigiram-se ao hospital, cuja porta se franqueou ao seu chefe. Então começou a parte verdadeiramente pittoresca d'esta cerimonia. Os encarregados das differentes repartições estavam no seu posto, promptos para a campanha que ia abrir-se: na sua botica o pharmaceutico, o empregado que preside ás curas dos que vêm beber a agua sulphurosa junto da sua bella fonte de marmore, que fica ao centro da espaçosa *hall*, tão fresca e tão animada em pleno verão, quando os consumidores entram e saem de manhã e ao cair da noite, alegrando com o sonoro ruido de seus passos, e muitas vezes com os seus risos e o tumulto das suas conversações aquelles muros severos; os enfermeiros e enfermeiras ao fundo das suas longas camaratas hja desertas, onde se vêem sobre o sobrado lavado de fresco, respirando aceio, os leitos singelos e desoccupados; os banheiros ao lado das suas piscinas, onde sob a luz tibia coada pelos tectos de vidro se estende a toalha meio azulada meio esverdeada da agua thermal e sulphurosa; ao fundo dos corredores para onde abrem as portas dos quartos das tinas, os directores d'esses serviços, acompanhados pelos seus banheiros e serventes; nas salas de inalação e dos *douches*, os especialistas ao lado dos apparatus reluzentes que em breve serão ennegrecidos pela acção deterioradora das aguas.

Já isto tem um não sei que de impressionador. Esta revista, passada pelo chefe supremo ao seu exercito que se prepara para a campanha do trabalho e da saúde, tem um que de tocante. Estão alli, perfilados e promptos para a azafama, os veteranos e os recrutas; os banheiros de cabellos grisalhos que se têm fardado de esfregar os corpos nus e contorcidos das victimas do rheumatismo, as novas enfermeiras que seguem as pisadas das antigas, e que vão conhecer dentro em pouco os segredos angustiosos das rainhas das salas, que nas noites de inverno vão valisar nos salões de Lisboa, e que lhes vão entregar a ellas, nas manhãs de verão, os seus corpos brancos e gentis que a sciatica tortura. Aquelle exercito, que vae entrar em campanha, tem tambem, como os exercitos verdadeiros, a sua divisão em differentes armas: como os artilheiros ao lado dos seus Krupps em bateria, das suas peças de aço luzentes mas que hão-de em breve ennegrecer com a polvora, estão os encarregados dos *douches* ao lado dos apparatus níquelados e brilhantes a que dentro em pouco o sulphydrico irá tirar todo o esplendor; como os serventes das baterias de metralhadoras, estão os da sala de inalação junto dos seus pequenos apparatus que hão de arrojear, n'um jacto certo, para a garganta dos doentes, a metralha da agua pulverizada; a cavallaria está bem representada pelos serventes da repartição das tinas, que andam n'um rodopio constante, n'umas galopadas da dez horas por dia, a correrem de quarto em quarto, ao toque do campainha, levando a este o balde de agua que elle requer, lembrando áquelle que já passou o tempo que destinára ao seu banho de todas as manhãs; a engenharia tambem pode ser representada pelos empregados que estão ao pé dos ascensores, e que são encarregados de applicar ao transporte dos doentes a força automatica dos apparatus mecanicos; finalmente a infantaria, que é a menos complicada de todas as armas, mas que constitue afinal de contas o fundo solido dos exercitos, seria constituida pelo batalhão mais numeroso dos enfermeiros e das enfermeiras, dos banheiros e das banheiras das piscinas, e por essa nuvem de empregados menores, encarregados do transporte e do serviço dos doentes.

Este é o aspecto das tropas: vejamos porém com os olhos da phantasia o aspecto do terreno da lucta. Como nos campos de batalha, tambem alli se ouvem gritos e gemidos, tambem se vêem passar, pallidos e alquebrados, os feridos; mas todo esse exercito, a cuja revista assistimos, vai-se precipitar sobre elles para os tratar, para os curar, e para matar unicamente a doença — o inimigo interno. A artilheria dos *douches* não funciona senão para extinguir a dor, esmagada por uma batega de agua thermal; as pequeninas metralhadoras da pulverisação apontam á garganta do enfermo o jacto de agua disperso em atomos impalpáveis, para ir restituir á larynge, ás cordas vocaes a vida e a saúde; enfermeiros e enfermeiras, banheiros e banheiras não aprisionam os rheumatisantes senão para os friccionarem docemente, para restituirem ao seu pobre corpo rigido a flexibilidade e o calor da existencia. E' n'esse trabalho santo, bemfazejo que se vai empenhar durante cinco mezes esse exercito passado em revista na vespera da campanha pelo chefe providente e attento.

Talvez seja a intuição do que ha de sympathico e de sublime

na sua missão que os leva a associarem por todas as formas a esta revista as flôres do mez em que ella se passa, ou tambem porque seja sina em Portugal que andem sempre flôres enlaçadas com a memoria das rainhas, e á festa do hospital preside como beneficente orago a imagem da rainha virtuosa, a rainha D. Leonor, a mulher de D. João II.

E' certo que, por uma idéa verdadeiramente encantadora, encontram-se n'esta revista flôres por toda a parte. Nas enfermarias, na copa, nas repartições dos banhos estão forradas de petalas de flôres as cadeiras e as mezas, com estas petalas se desenhavam os mais variegados arabescos, com ellas se formam umas imagens symbolicas, uns monogrammas—como o de M. P. Maria Pia—expontanea homenagem de uns empregados do hospital á sympathica senhora, de cuja passagem por esta terra se lembra sempre a villa com saudade.

Não se limita a isto comtudo a profusão das flôres: cada enfermeiro, cada enfermeira, cada chefe de serviço tem nas mãos uma bandeja cheia de raminhos, que offerece ao administrador, e que este distribue pelas senhoras e pelos homens que o acompanham. Terminada a visita sae-se do hospital, ao som da musica das philarmonicas, abre-se a inscripção no club, e, como principia a estação balnear, principia tambem a estação choreographica.

O hospital não tem de certo ainda todas as condições que deve exigir a numerosa affluencia de enfermos, que resulta da abertura do caminho de ferro; mas tem progredido muitissimo debaixo da gerencia zelosissima do seu actual director. Quando conhecemos pela primeira vez este hospital, não havia senão a piscina dos homens e a piscina das senhoras, e uma repartição de quartos de tinas para ambos os sexos, onde em dois quartos contiguos estavam muitas vezes um homem e uma senhora, apparatus de inalação e pulverisação muito rudimentares. Hoje ha uma repartição de tinas para homens, outra de tinas para senhoras; os apparatus de pulverisação são aperfeiçoadissimos, a repartição dos *douches* dispõe de todos os mecanismos necessarios para a variadissima applicação d'esse tratamento, os ascensores junto das piscinas transportam os doentes das enfermarias com a maxima commodidade. Tem-se feito tudo o que se pode fazer n'um edificio relativamente acanhado, mas ainda assim admiravel e que lamentariamos que se transformasse, porque é um edificio feito com aquella justeza de proporções, aquella regularidade elegante, que caracteriza as construcções do seculo XVIII, e que tanto falta ás nossas. Não fôra feito comtudo para abrigar os rheumatisantes de toda a Europa, e com essa grave difficuldade tem de luctar a administração actual.

PINHEIRO CHAGAS.

HISTORIA DE QUINZE ANOS

(Por Edmundo Benoit Lévy)

I

Abrange o periodo que decorre de 4 de setembro de 1870 a 28 de dezembro de 1883, periodo assaz fecundo em successos militares e politicos, a *Historia* do sr. Benoit-Lévy.

Como diz o auctor no breve prefacio da sua obra, passaram quinze annos, e já o tempo apagou em muitos espiritos a recordação das lutas communs, ao mesmo tempo que lançou no olvido muitos acontecimentos memoraveis e progressos realizados.

Não será, porventura, ocioso recordal-os, em reumo, como convém a uma publicação d'esta natureza.

Pois o que se está passando actualmente em França com o partido do general Boulanger, a rondar inquieto e turbulento o palacio das côrtes, clamando—*revisão, dissolução, plebiscito!*—faz naturalmente volver as atenções para a historia contemporânea d'aquelle paiz, cujo sólo tem sido, ha um seculo, abalado por successivas e oppostas convulsões.

Foi na tarde de 3 de setembro de 1870 que o conselho de ministros, reunido no palacio das Tulherias, recebeu um despacho telegraphico concebido nos termos seguintes:

«O exercito está derrotado e captivo; eu mesmo estou prisioneiro.»

Napoleão.

Era a confirmação do desastre de Sedan.

Para ter tempo de reflectir, o governo decidiu que não houvesse sessão nocturna na camara dos deputados, mas d'estes, os que pertenciam á opposição, reunidos com alguns da maioria no palacio Bourbon, residencia do presidente Schneider, resolveram unanimemente que houvesse sessão de noite.

A noticia da capitulação de Sedan corra rapidamente, e a multidão apinhada nos boulevards aguardava com ansiedade que se adoptassem as providencias requeridas por uma crise temerosa.

Aberta a sessão pela uma hora da manhã, Julio Favre apresentou a celebre moção, cujo artigo primeiro dizia assim:—«Luiz Napoleão Bonaparte e a sua dynastia são declarados decahidos dos poderes que lhes confiou a Constituição»—Ficou de apresentar ao meio dia de 4 as razões imperiosas d'aquella moção, e em seguida a assembléa dissolveu-se em silencio. A sessão durara apenas vinte minutos.

No outro dia a agitação popular era immensa em Paris, sem comtudo haver desordens nem actos de violencia. Quando se abriu a sessão, o povo que enchia totalmente as tribunas, e gritava sempre *Viva a Republica!* tornou impossivel que se adoptasse qualquer deliberação.

Por fim, os guardas nacionaes, uns com uniforme e outros sem elle, e a multidão impaciente e revolta, invadiram a sala das sessões, occuparam todos os bancos, e aos gritos entusiasticos de *Viva a Republica!* intimaram a dissolução ao derradeiro parlamento do imperio, o qual se desfez alli na mesma occasião. O povo acclamou logo depois, no Hotel de Ville, o governo da Defesa Nacional, ao qual presidiu o general Trochu, governador militar de Paris. Julio Favre era o vice-presidente e ministro dos negocios estrangeiros. Gambetta obteve a pasta do reino.

Entretanto, a imperatriz Eugenia, debulhada em lagrimas, fugia acompanhada pelo dentista Evans e mais duas pessoas, e, tendo chegado a salvamento a Deauville, na tarde de 6, embarcou no dia seguinte para Inglaterra.

Começou d'ahi a pouco tempo o cerco de Paris, que veiu a terminar depois da ratificação dos preliminares da paz, de 26 de fevereiro de 1874. Os factos mais notaveis d'esse periodo de horrores e de amargura foram certamente o grande valor e resignação com que os parisienses supportaram as durezas e as privações do cerco,—a entrevista de Ferrières,—e a missão de Thiers, ou antes a peregrinação de Thiers pelas differentes côrtes da Europa. N'esse intervallo o governo da Defesa Nacional teve que lutar principalmente com os agitadores dos clubs socialistas que vieram a formar depois a tristemente celebre communa de Paris. Não lhes bastava o inimigo ás portas da cidade!

A entrevista de Ferrières entre o ministro dos negocios estrangeiros da França e o chanceller prussiano, conde de Bismarck, foi motivada pelo desejo de se obter uma transacção honrosa antes de travadas seriamente as hostilidades junto dos muros de Paris. Julio Favre fez d'essa entrevista, que se realisou a 19 de setembro, uma tocante narração, que mostra bem o seu grande amor da patria. Pedia um armistício para durante elle se fazerem eleições de deputados e se constituir definitivamente uma situação legal. Mas as condições exigidas pela Prussia eram inteiramente inaceitaveis para qualquer nação que prezasse a sua honra. O governo da Defesa Nacional cumpria um dever, não as aceitando, mas a consequencia inevitavel era a continuação da guerra.

Thiers sahira de Paris a 12 para invocar a generosidade das nações neutraes. Dirigindo-se primeiramente a Londres, onde nada pôde conseguir do governo inglez, decidido a permanecer espectador passivo dos acontecimentos, fossem quaes fossem, partiu no dia 17 para S. Petersburgo, onde se demorou oito dias.

Receberam-no affavelmente o czar, a familia imperial e o ministro dos estrangeiros, principe de Gortschacoff.

O imperador tinha escripto a seu tio Frederico Guilherme, manifestandolhe a esperanza de que elle não pediria nenhuma annexação de territorio francez, mas o rei da Prussia respondera que não podia eximir-se ao desejo que nutriam todos os allemães de ter fronteiras bem garantidas.

O principe de Gortschacoff propozera um acto de conciliação, que consistia em renovar-se a entrevista de Ferrières, «com a differença que d'esta vez o negociador era um verdadeiro diplomata, e que depois d'essa primeira conferencia, a capital da França havia sido completamente cercada e privada das suas communicações com as provincias.» Thiers annuiu a essa proposta, e o ministro da Russia recommendou logo ao governo britannico que usasse da sua influencia com o governo francez para obter d'elle que accedesse a um armistício e á convocação de uma assembléa nacional, o que daria em resultado a suspensão das hostilidades em volta de Paris.

Thiers foi depois a Vienna de Austria, cuja situação embaraçosa derivava da sua mesma posição, collocada, como está, entre a Russia, a Italia e a Prussia. Tomar a iniciativa de uma intervenção, era-lhe absolutamente impossivel; e o mais que podia fazer era associar-se á acção da Inglaterra e da Russia.

Passando a Italia, o velho homem de estado viu o rei Victor Manuel em Florença no dia 13 de outubro, e, reunido um conselho de ministros para ouvir as proposições de Thiers, este, apesar de todos os esforços, nada pôde tambem conseguir.

De regresso á patria, Thiers encetou immediatamente em Versalhes as conferencias com o chanceller da Confederação do Norte, que terminaram em 3 de novembro. Bismarck manifestou a principio alguma vontade de discutir as condições do armistício, mas, por fim, escudando-se com o voto das autoridades mi-

litares, mostrou-se absolutamente contrario ao armistício, que só poderia aceitar, dizia elle, dando-lhe uma posição militar perto de Paris, um forte... talvez mais de um! —«E' Paris que nos estas pedindo;—observou-lhe Thiers—exigir de nós um ou muitos fortes é pedir as nossas muralhas. Tratando comosco de um armistício, nunca poderíeis supportar que a condição seria entregar Paris, a nossa força suprema, a nossa grande esperanza, Paris, que é para vós á grande difficuldade, a qual depois de cincoenta dias do cerco ainda não podestes vencer.»

Assim acabaram essas negociações que a França nunca poderia levar a bom fim, porque o vencedor estava sómente animado do desejo de guerra e de conquista. E depois se viu ainda mais... do espirito de vingança! Porque a coroação do imperador Guilherme no palacio de Versalhes foi a resposta da Prussia aos decretos de Napoleão I, datados em Berlim depois da batalha de Iena.

Em Paris, a continuada agitação dos socialistas complicada com a falta de viveres tornava cada vez mais angustiosa a situação da cidade e mais difficil a triste posição do governo, sobre o qual recaiam todas as responsabilidades. E quando já não havia subsistencias para mais de oito dias, resolveu-se capitular.

Julio Favre foi ainda esta vez encarregado de tratar com o conde de Bismarck um armistício para se eleger e convocar uma assembléa que decidisse da paz ou da guerra.

E' bem conhecido o texto da convenção composta de 15 artigos, e assignada pelos ministros dos negocios estrangeiros das duas nações belligerantes. As condições mais duras foram a entrega dos fortes com todo o seu material de guerra, das armas de quasi todo o exercito de Paris, constituido prisioneiro dentro da cidade, e a contribuição da guerra de 200 milhões de francos. As mais favoraveis eram que os officiaes francezes podessem conservar as suas espadas, a troca immediata dos prisioneiros de guerra, e ainda que a guarda nacional ficasse com as suas armas. Sobre este ultimo ponto fez o conde de Bismarck uma observação muito sensata, que merece ser reproduzida textualmente:—«Fazeis uma tolice; cedo ou tarde tereis de contar com as armas que tendes a imprudencia de conservar a esses exaltados.»

Seguiram-se os primeiros actos para a eleição da assembléa, e então se manifestaram serias divergencias de opinião entre os membros do governo da Defesa Nacional e o ministro Gambetta, que deu a sua demissão, para não enfraquecer a acção do governo. Bordeus ia receber a assembléa cuja dolorosa missão era sacrificar a integridade do territorio para expulsar o inimigo do sólo da patria. A nação inteira estava cançada da guerra e desejava ardentemente a paz.

Em meio de tão graves e dolorosos acontecimentos, como foram esses que acabamos de referir, houve um intervallo comico—foi uma *réclame* eleitoral de Napoleão, o hospede regalado de Wilhelmshöhe!

Quando menos se esperava, appareceu uma proclamação do heroe de Sedan á França, em que elle ainda teve a cynica audacia de escrever estas linhas:

«Quanto a mim, mortificado por tantas injustiças e decepções amargas, não venho hoje reclamar direitos que quatro vezes em vinte annos me conferistes. Em presença das calamidades que nos cercam não ha lugar para uma ambição pessoal; mas emquanto o povo regularmente reunido nos seus comicios não manifestar a sua vontade, o meu dever será dirigir-me á nação, como seu verdadeiro representante, e dizer-lhe:—Tudo o que se fez sem a vossa participação directa, é illegitimo!»

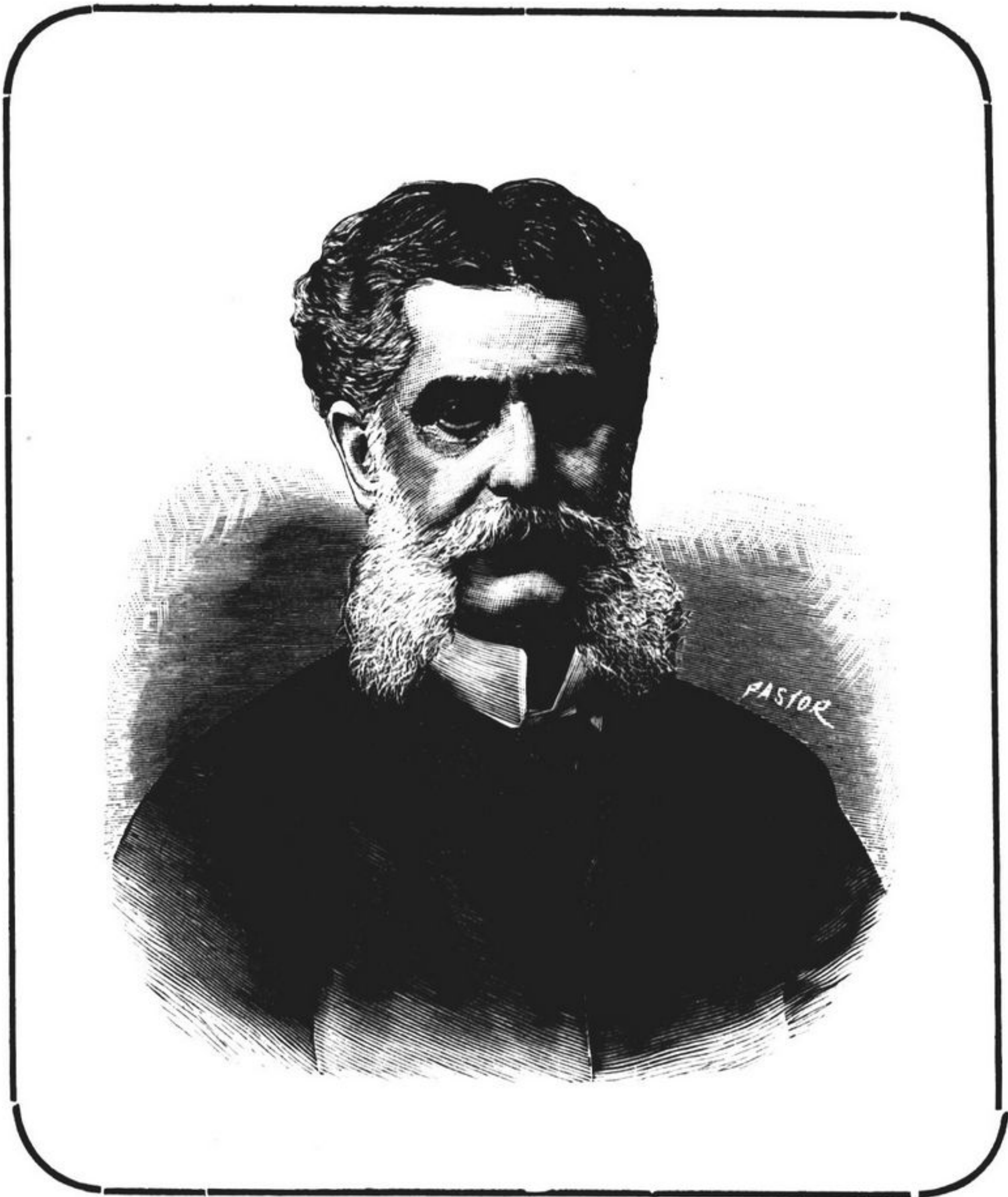
A proclamação era datada de 8 de fevereiro de 1871. Ainda então o destituido imperador se reputava o verdadeiro representante da França!

ALBERTO TELLES.

LITTERATURA RUSSA

UMA BALLADA (versão)

Elle amava tanto a sua Nadéja, que não podia passar um só dia sem a vêr; e ella amava tanto o seu Ivan, que para o saudar logo que elle apparecia, com um doce sorriso de amor, e atirar-lhe com as pontas dos seus formosos dedos um beijo ardente, estava constantemente a costurar á janella da grande casa triste e sombria. A janella da grande casa triste e sombria, d'onde ella via passar Ivan, velou-se um dia, porque o inverno chega cedo á Russia, e obscurece os vidros com arabescos de gelo, destruindo todas as felicidades; mas Nadéja derretia o gelo com o calor dos labios, e escrevia nos vidros o nome querido que tinha no pensamento. Ella escrevia tantas vezes o nome querido que tinha no pensamento, que o pae surprehendeu-lhe o segredo, e n'uma noite, apesar do frio e da neve, levou a filha para os extremos confins da



BARÃO DE AGUIAR DE ANDRADA

Finlandia, de sorte que no dia seguinte, em lugar do lindo rosto de Nadéja, engrinaldado com arabescos de gelo, Ivan não viu mais que uma janella fechada. Não viu mais que uma janella fechada no dia seguinte e em todos os outros que se lhe seguiram; então, cheio de angustias sem nome, foi procurar a feiticeira Kirsba, para que esta lhe dissesse para onde lhe tinham levado a sua bem amada. Para saber para onde lhe tinham levado a sua bem amada, foi consultar a feiticeira.

— Volta para casa, lhe respondeu ella; á tua porta acharás um *droschki*; sobe para elle, que o cavallo te conduzirá onde queres ir. Só te recommendo uma cousa, e é que voltes antes do sol posto.

Que voltes antes do sol posto, fôra o ultimo aviso da feiticeira; mas elle, tendo encontrado a sua bem amada, e ósinha, n'uma casa perdida no meio dos bosques, no ledo encanto do coração esqueceu-se do que lhe fôra recommendado, e trocando os ultimos beijos cheios de promessas e projectos futuros, viu o sol esconder-se atraz da negra floresta de esguios pinheiros que tinha de atravessar na volta.

Tinha de atravessar na volta uma negra floresta de esguios pinheiros; então subiu apressadamente ao *droschki* e o cavallo par-

tiu á trote, sem fazer o menor ruido sobre a neve, enquanto no limiar da porta, Nadéja, sorridente, lhe atirava beijos, gritando—volta depressa, volta depressa!

« Volta depressa, » lhe gritava Nadéja, enquanto o cavallo atravessava velozmente a floresta de pinheiros, e os lobos, esfaimados, sahindo das cavernas, seguiam a equipagem soltando lugubres uivos.

Soltando lugubres uivos, conservavam-se os lobos a distancia, por isso que o sol manchava ainda de vermelho a orla extrema do horisonte; mas de repente a mancha desapareceu e Ivan, lembrando se da recommendação da feiticeira Kirsba, incitava o cavallo que galopava, galopava, seguido de toda a bandada de lobos.

Seguido de toda a bandada de lobos, o cavallo galopava, galopava... mas ninguem mais tornou a vér Ivan.

E além, nos campos da Finlandia, á porta da casita, a pallida Nedéja vem todos os dias interrogar a floresta com o seu olhar triste e choroso, mas a floresta de negros pinheiros nunca lhe revelou o seu segredo!

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Apontamentos para a sua biographia colhidos nas suas obras

«Estes anneis, meu caro Barbosa, deramos a Maria do Adro.

«Sabes tu lá quem era a Maria do Adro? Desce de elevada esphera, por onde voejam as tuas preocupações, cá abaixo ao raso de uma mulher do povo.

«Maria do Adro era filha de uma viuva pobre. Tinha dezeseite annos. Fôra bonita até aos quinze; depois uma enfermidade grave emagreceu-lhe a face, amarelleceu-lhe a pelle, e sugou-lhe a seiva que viçava em flores por todo aquelle rir e olhar de descuidosa innocencia. A mudança do semblante correspondeu a da alma.

«Fez-se melancolica e taciturna. Não arranchava para dançar de roda, nem cantava nas espadeladas do linho. Chamavam-lhe «mona» as azougadas companheiras, e ella o que respondia ás provocações era:— Andai, andai, raparigas; eu tambem me diverti assim, quando tinha saude.» E muito divertida dizem que ella fôra! Cantava ao desafio com muita graça, e até, dizia-me o padre mestre, com versos certos e sentenciosos.

«Minha irmã disse-me uma vez:—Esta Maria do Adro distingue-se entre todas as outras. Tem um ar senhoril, que não parece do seu tracto.»

«Isto impressionou-me, e eu reparei na moça que até ali me fôra indifferente.

«Reparar, quando o coração repara mais que o juizo, é amar. Achei a tal distincção. Esqueci as perdizes e as ovelhas; ia sempre que Maria estava em casa, sentar-me n'um tóro de castanheiro á porta d'ella; visitava-a na leira, cortinha, ou horta onde ella estivesse; dizia-lhe todos os dias a mesma coisa, e ella respondia-me sempre com o seu sorriso meigo, dando-me umas vezes uma flôr do monte, outras um abraço de videira.

«Maria, de madrugada, não faltava á primeira missa. A aldeia tinha cinco padres; e eu, por causa d'ella, Deus me perdoe a intenção, ajudava ás cinco missas, se Maria estava até á ulla; se não, não. Na quaresma, era certa todos os domingos á tardinha na Via-Sacra, em redor do presbyterio. Lá ia eu para a Via-Sacra ouvir o numero de gemidos que uma arithmetica piedosa faz gemer ao Salvador do mundo. Minha irmã, que devia á devoção a sua fel cidade, era, quasi sempre, a que entoava as estações. Tudo poesia para mim! Comecei a quinhoar da fé que a divina graça repartia por ambos! Minha irmã Carolina, que eu vira em Lisboa, preparando-se para entrar no golphão das delicias brilhantes, onde é necessario, para possuir o goso completo, esquecer a Deus!... Ali, depois, entre quatro montanhas, aos vinte e dois annos, com um livro de Via-Sacra, ajoelhada, diante de uma cruz tosca!... Entra n'isto, meu amigo...

«Nos dias de calma, pela estação das sagradas, eu ia sentar-me debaixo de um castanheiro visinho da leira, á hora da sésta, conversando com Maria, enquanto as outras dormiam, ou pulavam em redor de uma viola.

«Nunca lhe disse que a amava. Parece-me até que não conhecia este verbo, em cuja conjugação depois me exercitei tanto que lhe descobri um tempo novo: é o *plusquam imperfecto*.

«Que lhe diria eu?! Perdi a lembrança do colorido; retive apenas as imagens nuas d'aquelles quadros da innocencia. Sei que encostava a cabeça ao regaço d'ella, e este grupo faziamol-o com tanta singeleza, que a aproximação d'alguem não nos assustava.

«Dado o signal do trabalho, Maria tomava a sua fouchinha, e entregava-me o ramo de boninas que andava colhendo e atando com um fio de cabello.

«Eu, depois, saudoso d'ella, subia ao cerro de uma collina aff stada, d'onde nos viamos. Os segadores, se me enxergavam, faziam-me estridorosos apupos, á sua moda; e Maria, sem erguer-se do seu trabalho, entristecia-se por aquella falta de respeito a mim.

«Eu não volvia ao povoado, sem esconder-se o sol, e os segadores sahirem do campo. Maria, por caminhos travessios, sabia-me ao encontro, e vinha comigo, quasi sempre silenciosa ou recolhida em si.

«Enfastia-te a simplicidade do conto? Era assim a nossa vida. Quando eu inventar, arripiarei os cabellos ás minhas imagens.»

«Tres mezes depois, mandaram-me sahir da aldeia. O padremestre não me podia aturar. Tinha rasão... minha irmã, boa para todo o mundo, menos para mim, era indifferente á minha sabida. Feriram-me todos o meu orgulho, e eu deliberei sahir sem despedir-me, excepto de Maria, que recebeu o meu adeus n'um spasma, que a não serem as lagrimas, tomal-o-ia por insensibilidade estúpida. Demorei-me, algumas leguas distante, em casa de um parente, poucos dias. De lá fui para Lisboa, onde nunca recebi novas da aldeia. O meu conselho de familia, *passados sete mezes* dos ociosos quinze annos com loucuras dos trinta, intimou-me a sabida de Lisboa, pena de considerarem o meu estomago uma viscera inutil. *Vim para o Porto estudar os preparatorios da universidade*; e, como o tempo me sobejasse, estudei anatomia. Não te pareça demasia de miudesas o meu estudo anatomico. Lá iremos á applicação.

«Encontrei aqui (no Porto) um lavrador lá de cima, vindo de não sei que romagem abi para o Minho, e pedi-lhe novas da Maria do Adro. Disse-me que a cachopa estava cada vez mais acabada, e o mestre da saude não lhe dava muito tempo de vida.

«Tive muita pena. Quiz então escrever-lhe; mas ella não sabia ler. Mandeilhe muitos abraços e recados pelo romeiro, e a certeza de que no principio de agosto iria vel-a.

«Senti vivas saudades de Maria, e tambem remorsos de esquecer-a, quasi, em Lisboa...» (DUAS HORAS DE LEITURA).

Tanto quanto podemos deprehender de UM LIVRO de Camillo, elle esqueceria a Maria do Adro por novos amores em Lisboa.

Era muito novo, devia passar-se isto em 1840, aos quinze annos:

Vi dilucidar-se a alva
Da minha aurora d'amor,
Quando uns dobres a finados
Me coavam frio horror.

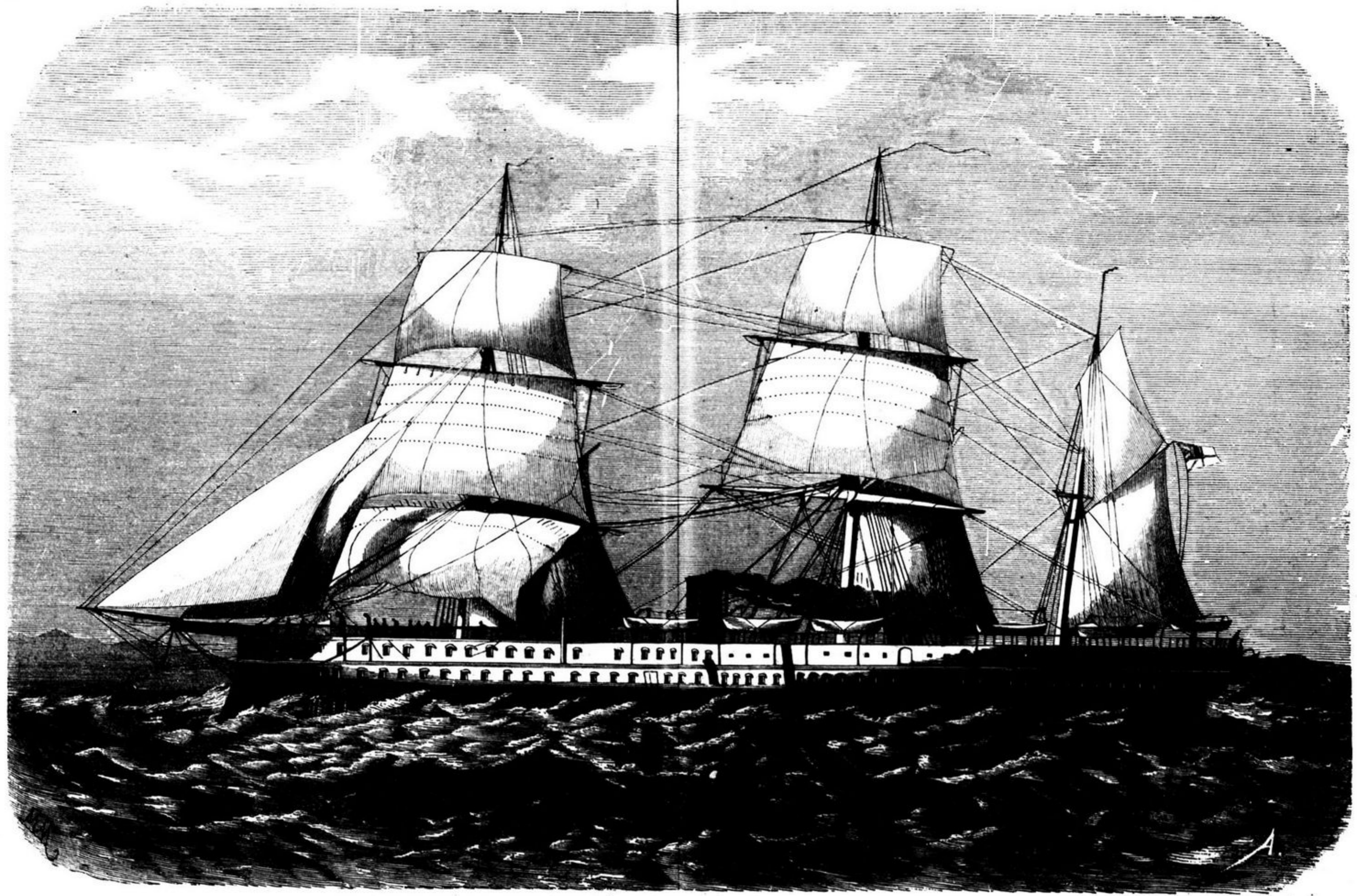
Amelia, a mulher amada em Lisboa, era tambem uma creança:

Como aquelle amor nascera
Tenho uma vaga lembrança...
Da tua um raio descera,
E, d'improviso, illumina
As feições emaciadas
D'um anjo que, por magia,
Suas azas convertia
Nas cabaias alvejantes
Com que, virgem, se vestia.
Que mulher Deus, que mulher!
Moca, tão moça, e menina
Os seus segredos, se os tinha,
Nem a arte os adivinha
Quando sondal-os quizer.

Diz nos o poeta que era naturalmente melancolica posto que muito rica:

Amimada e estremecida
Da mais carinhosa mãe;
Das mais creanças inveja;
Farta dos gosos da vida,
Que o oiro a froixo lhe dá.
Se aquella alma deseja,
Que desejos sentirá?!

Em redor de nós, viviam
Vida diversa da nossa
Teus irmãos e mãe, que viam
Em nosso amor um gracejo.
E' que não viam no espaço,
Onde a poesia fluctua,
Duas almas n'um desejo,
Presas por intimo laço,
Aos raios d'ouro da lua.
Para elles a tristeza
D'esses momentos ditosos,
E de teus olhos formosos
A pupilla, humida sempre,
Era a inole mimosa
De mimosa compleição;
Era a infancia acarinhada,
Contristada, sem razão;
Era um enfado sem causa,
Sensação indefinivel,
Excesso d'alma sensivel,
Mas, amor... ai! tanto não!



O. VAPOR **SEBAPIS**

Amelia, sonho, acordado
Pela desgraça estrondosa,
Não sei se vives... Perdi-te
Quando a mão impetuosa
Da desventura imperiosa
Longe de ti me levou.

Mas, voltando ao Porto e impressionado pelo que lhe dissera o romeiro, sentiria reaccender-se, no coração infantilmente volúvel, a saudade da Maria do Adro.

Sentiria; e sentiu. Dil-o elle proprio.

«Esperava com ancia as ferias-grandes e affigurava-me o jubilo com que elle me veria, depois de quinze mezes. Quantas vezes eu ia do a'rio do Bomfim pasmar os olhos n'aquellas serras que ficam lá para o nascente! Penso que fui poeta um dia...

«Chegaram as ferias, fiz acto de anatomia, e foi premiado com um indulgente R. De boa vontade accitava eu trez, com tanto que me deixassem sabir mais cedo. Esperava-me o cavallo com a magra malla. O arrieiro perdeu-me de vista em Vallongo, e encontrou a meio caminho o cavallo aberto dos peitos, com não sei quantas sobrecanas de mais, e ferraduras de menos.»

Eram as ferias-grandes de 1844.

Camillo, que então assignava Camillo Ferreira Botelho Castello Branco, matriculára-se no primeiro anno da Escola Medico-Cirurgica do Porto em 16 de outubro de 1843, e fechára matricula a 5 de junho de 1844.

Do resultado do acto dá elle proprio noticia: e fui premiado com um indulgente R.

ALBERTO PIMENTEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO MARIA BARREIROS ARROBAS

Ao darmos hoje o retrato do conselheiro Antonio Maria Barreiros Arrobas, rendemos uma homenagem de respeito áquelle que em vida foi um homem prestante e um caracter honesto e honradissimo.

O conselheiro Antonio Maria Barreiros Arrobas, par do reino vitalicio, antigo governador civil de Lisboa, antigo deputado da nação e vogal da junta consultiva do ultramar, falleceu ha pouco, victima d'uma lesão cardiaca.

Fôra um homem activo, de uma rara energia, de uma força de vontade tenacissima. N'estas condições, que lhe eram proprias, podia com facilidade prestar relevantes serviços ao partido politico em que militasse, e realmente os prestou ao partido regenerador, em que sempre esteve alistado.

Quando o ministerio progressista, presidido pelo sr. Braamcamp, subiu ao poder em 1879, o sr. Arrobas propoz se candidato por Setubal, circulo que por largos annos representára em côrtes e a que prestára numerosissimos beneficios.

Foi uma lucta gigantesca essa em que se achou envolvido.

Vimol-o então, em plena azafama eleitoral, correr de Azeitão a Palmella, de Palmella a Setubal, estimulando a actividade dos seus amigos politicos.

A urna deu-lhe a victoria, e tinha de ser a ultima.

Como se sabe, o ministerio progressista esteve no poder apenas vinte e dois mezes. O sr. Arrobas foi um dos mais implacaveis flagelladores do governo. Toda a gente se lembra ainda da pertinacia, da insistencia com que elle tratou na camara a celebre questão dos *assucares*.

Antes da ordem do dia, ninguem fallava senão elle, e as galerias estavam sempre repletas de espectadores, porque o publico gostava do tom familiar, comedido, por vezes gracioso, dos discursos do deputado Arrobas.

Quando em 1881 subiu ao poder o ministerio regenerador presidido por Sampaio, o sr. Arrobas foi nomeado governador civil de Lisboa.

Affrontando, peito a peito, todas as difficuldades que lhe sahiram ao encontro, especialmente as que lhe moveu a classe escholastica, que o não poupou, o sr. Arrobas manteve-se com firmeza no seu posto de honra, procurando reprimir todos os abusos, alguns dos quaes já estavam inveterados, e procurando manter um rigoroso respeito pelas instituições vigentes.

Não discutimos agora, nem é a occasião opportuna de o fazer.

Entendem uns que é preciso transigir o com movimento evolutivo da sociedade moderna; entendem outros que é conveniente empregar a energia como repressão.

O sr. Arrobas pertencia ao numero d'estes ultimos e a sua opinião era sincera, profunda.

O ministerio Sampaio nomeou o par do reino.

Por esse tempo, o sr. Arrobas começou a soffrer de uma grave doença cardiaca.

Em 1884, suppunha-se que pouco poderia viver. Não obstante esta previsão, durou ainda quatro annos.

N'este intervallo de tempo só excepcionalmente intervinha em negocios politicos; abandonára a camara dos pares. Mas ultimamente, porque a *visita da saude* o animasse um pouco, o sr. Arrobas appareceu na camara, onde apresentou alguns projectos de lei e requereu documentos importantes pelos differentes ministerios.

N'uma das ultimas sessões estivera na camara instando pela remessa de documentos que havia requerido pelos ministerios das obras publicas e marinha.

—O meu estado de saude, dissera o sr. Arrobas, não me permite vir aqui levantar questões politicas, mas hei de instar pela remessa d'estes documentos, porque dizem respeito a importantes negocios de administração publica.

A morte, a morte subita, posto que a todo o momento esperada pelos seus amigos, viéra inutilisar o pedido do sr. Arrobas. Mal o pensaria elle!

O finado era, como já dissemos, par do reino vitalicio, antigo deputado, vogal da junta consultiva do ultramar, e fôra em tempos governador de Cabo Verde.

Pertencia á arma do Estado maior, onde tinha o posto de coronel, e estava em vespuras de ser promovido a general de brigada.

BARÃO DE AGUIAR DE ANDRADA

Por morte do barão de Japurá, o decano dos diplomatas brasileiros, que foi ministro do Brazil em Lisboa, exerceu ha tempos aqui este elevado cargo o sr. barão de Aguiar de Andrada, um dos mais intelligentes, distinctos e sympathicos membros do corpo diplomatico do imperio de Santa Cruz.

O barão de Aguiar de Andrada nasceu em S. Paulo e começou a sua carreira diplomatica em 1852, como addido da 1.ª classe, nos Estados Unidos, onde serviu debaixo das ordens do barão do Penedo, desempenhando por duas vezes o cargo de secretario de legação, cargo para que foi definitivamente nomeado em fevereiro de 1855, ficando pouco depois encarregado de negocios pela remoção do barão do Penedo para Londres.

Nos principios de 1857 foi transferido para a legação de Inglaterra como 1.º secretario, e ali, por duas vezes, em curtos periodos, foi encarregado de negocios.

Em outubro de 1863 volta á America promovido a encarregado de negocios na Venezuela e Nova Granada, e tres annos depois é removido com o mesmo cargo para a republica do Chili, onde é promovido a ministro residente em 1871, sendo n'esta qualidade transferido em 1873 para a republica oriental do Uruguay.

A esse tempo, o barão de Aguiar de Andrada era reconhecido como um funcionario intelligente e digno, que em vinte e um annos de trabalho tinha subido de soldado a general, passo a passo, envolto sempre na modestia, que é um dos traços principaes do seu caracter nobre; mas não se lhe tinha ainda deparado o ensejo de mostrar que sabia dar e vencer batalhas, como general prudente e ousado.

A occasião estava diante d'elle, e soube aproveitá-la.

Se a guerra do Paraguay deu aos Osorios, aos Tiburcios, aos Taunays e a tantos outros valentes o ensejo de legarem ao futuro, na historia da patria, nomes cobertos de gloria, que elles gravaram fundo nas lapides das lendas populares com as suas espadas vencedoras, que elles escreveram nas tradições com o seu sangue derramado pela patria misturado com o sangue do inimigo vencido; se aquella guerra cruenta fez nascer um punhado de heroes, deu ella tambem ao barão de Aguiar de Andrada a occasião de escrever nas paginas da historia do Brazil o seu nome com letras de ouro.

Foi elle e só elle quem conseguiu consolidar a paz, e isso valeu-lhe o alcançar o titulo e honras de que está revestido.

O serviço prestado era d'aquelles que fazem acclamar um cidadão benemerito da patria; e em 1874, a patria reconhecida nomeava-o ministro plenipotenciario e enviado extraordinario, e escrevia o seu nome em letras brilhantes nos fastos brasileiros.

Se os heroes do exercito podiam adornar-se com o titulo de demonios da guerra, o heroe da diplomacia podia chamar-se o arjo da paz.

Foi ainda o eminente serviço prestado á sua patria que lhe facilitou do governo, em 1878, a transferencia para a Europa, sendo nomeado ministro em Vienna, onde se conservou até á sua remoção para Lisboa.

Nos paizes em que serviu na America e Europa, deixou sempre as mais cordeaes amizades, como as deixou entre nós.

O barão de Aguiar de Andrada foi ha pouco encarregado d'uma missão diplomatica em Roma.

O «SERAPIS»

O *Serapis*, um dos quatro grandes transportes mandados expressamente construir pelo almirantado inglez para o movimento e condução de tropas entre a India e a Inglaterra, é um dos navios mais collossaes que hoje cruzam os mares.

Admiram-se n'este vapor todas as bellezas e confortos das mais modernas construcções. A commodidade e hygiene dos passageiros e tripulantes fôram severamente estudadas; nada ali lhes falta. Os quatro navios podem emprehender uma das maiores viagens, conduzindo a seu bordo uma divisão completa de cinco mil homens, com artilheria e cavallos.

Cada um d'elles pode receber mil e duzentos soldados de passagem, além de quatrocentos marinheiros de equipagem; mas em caso de necessidade, recebe muito maior numero.

O *Serapis* foi construido em 1867, em Londres, nos estaleiros do *Thames Iron Shipbuilding Company*, de Blackwals.

E' todo de ferro; tem tresentos e sessenta pés de comprimento de pópa á prôa, quarenta e nove pés de bocca (largura), trinta e quatro pés e quatro pollegadas de pontal (altura do fundo do porão ou face superior da quilha até á face inferior do convez, ou pavimento mas elevado). Na linha d'agua carregada, demanda dezenove pés de agua a vante, e vinte a ré. Mede consequentemente quatro mil cento e setenta e tres toneladas de deslocação, sendo a tonelagem de registro e a capacidade absoluta muito maiores necessariamente.

A machina de vapor é da força de setecentos cavallos nominaes, podendo elevar-se realmente a um numero muito superior. Tem tres peças de artilheria de grosso calibre.

Foi este, como é geralmente sabido, o navio escolhido pelo governo inglez para a viagem á India, effectuada pelo herdeiro da corôa de Inglaterra em 1876. O *Serapis*, que nós, n'esse anno, vimos no Tejo, conduzindo o principe real britannico, é um verdadeiro palacio fluctuante, uma maravilha.

O EXODO DOS FABIOS

(Specimen das gravuras da *Historia de Roma*, de Duruy)

Damos hoje uma nova gravura da *Historia de Roma*, de Duruy, livro monumental que a Empresa editora de obras illustradas está publicando com enorme successo, e que é traduzido brilhantemente por Pinheiro Chagas.

Os Fabios (*gens Fabia*) eram uma illustre familia patricia de Roma, que pretendia descender d'Evandro. Chamaram-se assim porque um dos seus primeiros membros introduzio na Italia a cultura da fava (*faba*).

Os Fabios tornaram-se muito conhecidos na famosa lucta contra os Veientes, e morreram todos, surpreendidos por uma embuscada, nas margens de Créméro.

A nossa gravura representa a (*gens Fabia*) saindo de Roma.

UM THEATRO DA ANTIGA FEIRA DAS AMOREIRAS

A scena que a nossa gravura representa, immortalizada pelo espirituoso desenhador Manuel de Macedo, pertence já á historia, é apenas uma recordação.

No tablado exterior das barracas theatraes de feira, já se não encontra o palhaço com a cara enfarinhada e os esgares que faziam morrer de riso a turba dos basbaques.

Estamos, decididamente, no crepusculo de todas as tradições. Fôram-se os deuses e os palhaços!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

Esta ilha vi no livro e é animal—2—1.
Esta mulher via nos livros esta mulher—2—2.

Lisboa.

A. BAPTISTA.

Como hoje é segunda-feira,
P'lo costume, Zé Batalha,
Que adora a ardente piteira,
Não trabalha.

Não lembra ao *brezundeiro*
Que, ao sabbado, a coisa é séria,
Que o desconto por inteiro
Tem na fôria. 1

Não lhe lembra que na mesa
Falta pão aos filhos seus!
P'ra as costas deita a tristeza...
—Ora adeus!

Co' alguns tostões, o maráu,
—Por isto ninguém se regre,—
Lá vae p'ra a Perna de Pau
Bem alegre. 1

Bebe e entorta-se, isso é velho!
Vae-se o bago n'um sarilho;
Joga, já tonto e vermelho,
Ao chinquillo.

Perde; e a batota attribue
Tal azar,—não ha dinheiros!
E alguns soccos distribue 1
P'los parceiros.

Ha *banzêl* grossa lambada!
.....
E no meio do barulho,
Apanha elle uma facada
No bandulho...

MATHEUS JUNIOR.

Bebida aqui vereis e fermentada,
N'esta parte primeira da charada.—3
A segunda é medida, e por signal,
Que nunca foi uzada em Portugal.—1
Generosa se mostra esta terceira,
Quando concede o que diz primeira.—1
No todo podeis ver meu bom leitor;
Arvore indiana de bonita côr.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Logogripho (Anagramma)

A < e—12—9—11
An = mal—9—14—10—13—14
Ar < re—1—5—8—11—2—10—14
Divind > de 1—11—5

Ins = rumento—11—13—9—7—9—14
N = me—13—7—3—4—11—1
Ny = pha—1—7—14—8—11—6—11—7

Ap =ellido—10—12—9—11—2—10—14
J = go—9—12—10—5—9—2
Fr = cto—6—4—13—5—7—14
Dan = a—13—5—1
Ins = cto—8—14—5—10—7—14

Arvore

Monsão

JOAQUIM AUGUSTO CORREA.

Decifrações

DAS CHARADAS:—Serpa—Archeiro—Bordado—Eterno—Safio
—Ferida.

UM CONSELHO POR SEMANA

LACRE

Fundem se em um vaso de barro 80 gr. de resina, 32 gr. de cera amarella e 16 gr. de cebo. Dá-se lhe côr, adicionando-lhe chromato de chumbo quando se quer lacre amarello; zarcão, para o vermelho; azul da Prussia, para o azul; negro de fumo, para o preto; azul da Prussia e ocre amarello, para o verde.

Recommendamos aos viticultores este meio de obter o lacre economica e facilmente.



O EXODO DOS FABIOS

(Specimen das gravuras da «Historia da Roma» de Duruy)

A RIR

O filho do commendador Aniceto sabio do collegio e entregou-se á litteratura. Ha dias concluiu um romance e mostrou o ao pae.
—E seu filho? Perguntou alguém ao commendador.
—Faz romances, respondeu elle. Escreveu agora um, tão realista, que me vi forçado a prohibir-lhe que o lesse.

O mesmo Aniceto encontra a uma esquina um desgraçado, a quem fôram amputados ambos os braços, e que lhe pede esmola.
—Coitadinho! diz elle. Logo os dois braços de menos!...
Depois, concluindo a phrase:
—E é isso que o faz estender a mão á caridade publica?

O CORO DOS ANJOS

(Conto, por D. PEDRO DE ALARCON)

(Traducção de A. Gallis)

D'este momento por diante mudei completamente de tactica. Não me dirigia á sua intelligencia, mas sim ao seu organismo.

O seu cerebro estava carregado das mais explosivas illuções: só faltava lançar-lhe fogo aos sentidos e fingir não ver o incendio. Ella faria o resto.

Tinha-lhe dito para dançarmos. Era uma walsa de Straus, languida e voluptuosa como uma tentação.

Tudo o que é indifferente para uma mulher acostumada desde creança a sentir-se nos braços de um homem, arrebatada no turbilhão da dança, tinha summa importancia para Casimira, que durante muitos annos se conservára virgem d'essas fortes sensações.

Por isso, o seu corpo nunca acariciado, tremia ao contacto do meu braço. O seu coração palpitava desordenadamente ao approximar-se do meu. A violencia das suas sensações quasi que a asphixiavam, e a força da sua natureza tanto tempo comprimida, estalava tumultuosamente. Era mulher, era jovem, era meiga, e eu fitava-a... fitava-a sem cessar, envolvendo-a, subjugando-a, arrebatando-a, mas sem lhe dizer uma palavra, sem perceber o que via, como se sempre se dançasse assim, como se aquillo fosse dançar.

Casimira desmaiou nos meus braços.
Sua prima retirou-a do salão, dizendo:
—Entonteceu! falta de costume...
Eu reco'hi-me a casa.

No dia seguinte, que era o sexto, fui visitar a minha *bella*.
Estava pallida como a morte.
Ficamos sós e quiz fallar-me da walsa.
Fiz-me desentendido.

Para mim, aquillo havia sido o que dissera sua prima: uma tortura, filha da falta de costume.

Ella baixou os olhos, como dizendo:—Ingrato, não suspeita quanto o adoro já!

Despedi-me tristemente, ficando de ir á noite ao baile da condessa.

Casimira, ao ver que me retirava, entristeceu visivelmente e esteve quasi a ponto de me dizer que a tinha enganado; reflexionou porém, sem duvida, em que eu não lhe tinha promettido cousa alguma, e contentou-se com perguntar-me:

—Está magoado commigo?
—Eu?! Não. Porque?

—Sou tão desconfiada...

Beije-lhe a mão e sahi.

N'aquella noite dançámos outra vez.

Casimira não desmaiou e ponde ouvir perfidamente estas minhas palavras subversivas, ditas n'aquelle momento de delirio que tudo desculpa:

—A tua respiração tem o perfume do ambar. Esta walsa acaba por enlouquecer-me. Oh! os teus olhos, os teus olhos! Amas-me? amas-me?

E tanto lh'o repeti e em tons tão diversos, que ella tartamudeou o *sim* mais terno, mais apaixonado e mais rico de promessas que até ali tinha soado aos meus ouvidos.

Então, e só então proferi esta ultima galanteria, que tenho sempre reservada para as feias, e que em Casimira era uma verdade.

—Tens o corpo de uma Venus!

O dia seguinte era o setimo. E ao setimo descansou Christo, diz a Biblia.

Sou pois amado por Casimira Fernandes.

Para conseguil-o, inverti a ordem do costume em taes assumptos. A ultima coisa que fiz, foi declarar-me. Quando me declarei, já ella não possuia a liberdade de reflexionar. Necessitava acreditar em mim e acreditou-me. A minha declaração foi pois uma pura formalidade. Sem ella, tudo teria succedido da mesma maneira.

—A'manhã te mandarei o cavallo que ganhaste... disse Luiz com verdadeira admiração; antes, porém, necessitamos de provas frisantes.

Tel-as has. Ah! vem a *deusa*. Observa nos.

A CRUXIFICAÇÃO

Casimira aproximou-se de nós. Pela primeira vez acreditava em Deus, na vida, no amor, na felicidade, e em mim tambem.

Casimira, cujas paixões tinham despertado em violentissimo torpel, vinha n'aquella noite ao baile ostentar a sua primeira conquista, vingar-se de tantas outras noites de soledade e abandono, passadas n'aquelle mesmo salão, diante d'aquellas mesmas formosuras felizes.

Casimira, que rubara um adorador a Marianna, a Elisa, a Mathilde, a Pura, a Conceição e á baroneza do Cedro!

Casimira, finalmente, que em virtude de tudo isto, se havia enfeitado de forma a não de xar em casa nem um laço, nem uma renda, nem uma flôr, nem uma pluma, o que quer dizer que vinha muito vistosa, demasiado vistosa, impudentemente vistosa com o seu vestido verde mar recamado de adornos de mil especies, com o seu toucado de rosas vermelhas e plumas brancas, corpete de tule com laços cor de canario e mangas bordadas, luvas de seis botões e um penteado provocador constellado de brilhantes.

Estava horrivel, epicamente feia, tão disforme, que todos os olhares se fixavam n'ella, especialmente no seu rosto, porque o corpo era elegante e bem torneado.

O seu rosto! Não o descreveremos. Somos mais humanos que o formoso *côro de anjos* da baroneza do Cedro.

Alexandre aproximou-se de Casimira.

Precisamos fazer uma advertencia.

Alexandre, no meio dos seus defeitos e apparente crueldade, tinha um resto de coração. Amava Casimira e compadecia-se até certo ponto d'ella.

Amava-a, porque effectivamente havia encontrado n'ella um oceano de amor, um mundo de sentimento, um ceu de abnegação, de ternura, de reconhecimento e de adoração fanatica.

O que não encontrára na alma da baroneza do Cedro, o que lhe negava o coração de Elisa, o que elle precisava para viver, o que invejava ouvindo os canticos de Sapho, tudo Casimira reunia em si e lh'o rojava aos pés.

Lastimava-a, porque adivinhava que a sua vaidade de Tenorio, sobrepondo-se á razão e á consciencia, o affastaria da infeliz, para que o mundo cruel e tolo não se risse da sua escolha.

E o mundo riria, porque não pôde soffrer indifferentemente que uma mulher tão feia como Casimira chegue a ser bemaventurada na terra.

Para ganhar uma aposta, e para satisfazer uma feroz curiosidade, tinha-se aproximado de Casimira; porém não avaliou bem aquelle ignorado thesouro de heroicas qualidades, nem ponde occultar a sua aventura, amar a desditosa joven em segredo, e abysmar-se só n'aquelle pelago de generosidade d'elle até então desconhecido.

Talvez se lembrasse de fazer d'ella sua mãe, sua irmã, sua amiga, sua esposa, a mãe de seus filhos, a companheira da sua velhice.

Mas a aposta? E o seu amor proprio compromettido? E passar aos olhos do Luiz e do Cypriano por pretendente desdenhado de Casimira?

Bem, disse elle *in mente*. Supportarei com paciencia um fiasco na noite da exhibição. Tenho credito. Este amor passará por uma excentricidade, por uma estroinice. Apresentarei o meu monstro durante uma hora e depois fingirei que o abandono, continuando a visital o em segredo.

Com taes propositos e revestido do valor de um martyr, sentou-se ao lado de Casimira e começou a fallar-lhe ao ouvido. A primeira que se sentiu ferida foi a baroneza do Cedro, esquecida por Alexandre quasi completamente durante aquelles dias, e que, com o seu instincto de mulher enamorada, tinha suspeitado a existencia de uma nova rival.

Chamou pois a attenção do seu *côro de anjos* para o estranho grupo que formavam Alexandre e Casimira fallando de amor.

As meninas, ficaram assombradas e a indignação assanhou-as a todas.

—Insulta-nos!

—Humilha-nos!

—Offende-nos!

—E' mister vingarmo-nos! disseram todas a uma voz.

—E ella acredita-o?!
—Não a julgava tão tola!

—Acaso herdaria alguma fortuna?

Alexandre percebeu esta onda de crescentes sarcasmos e convidou Casimira para dançar.

A pobre creatura estava louca de prazer. O ceu que o Evangelho promette aos pobres de espirito, aos que choram, aos que tem sede e fome de justiça, aquelle dourado ceu, unica esperanza da pobre feia durante os lentos annos da sua desventura solitaria, havia-se-lhe acercado tão subita e inesperadamente, que mal percebia o milagre da sua redempção.

Quanto ella amava e bendizia Deus n'aquella noite! Que chuva de lagrimas occultas e silenciosas refrescava o seu coração prematuramente atrophiado! Que formoso era o mundo e que boa a humanidade, e que bello e lisongeiro o futuro!

Pobre Casimira!

O côro dos anjos andava entretanto pelo salão, dizendo:

—E convidou-a para dançar!

—E ella dança!

—Sabia, e calava-se, a hypochrita!

—Devemos deixal os soz.

—Isso, isso; uma manifestação pacifica.

—Retrahiamo nos como os operarios catalães quando cruzam os braços e vão passeiar pela Rambla.

—Declaremo nos em greve.

—Porém, meninas, accudiu a baroneza, isso vae ser uma ruina para o meu baile!

—Comprehende-se o terror d'estas senhoras, exclamou Luiz (o que perdia o cavallo) entrando no grupo. Ao ver dançar essa mulher, eu tambem não pude deixar de exclamar: *Vel auctor naturae platur, vel mundo machina desovitur.*

Todos se riram d'este latim que não comprehenderam, e então Luiz e Cypriano contaram os amores de Alexandre e Casimira tal qual nós os sabemos pelo decorrer da historia da pobre joven.

(Conclue)

O QUADRO

Pasmado de não ter ainda sentido essa scintilla divina da inspiração, sem a qual todo o talento é nullo, Raul arrastava-se na via dolorosa da existencia, não encontrando nunca essa bifurcação appetecida que conduz á gloria e á fortuna.

O seu atelier de pintor, era sombrio e nu, pautado e secco como uma escola. Nada d'essas decorações phantasticas e theatraes que custam rios de dinheiro e causam o estarrecimento dos burguezes e a inveja dos collegas. Na ta d'esses diplomas honrosos, que se trahezem em manifestações da opinião e da admiração publica, cuidadosamente colleccionados e expostos com arte e apparente negligencia sobre as etagères.

Emquanto ás telas que pendiam das paredes e á que sobre-carregava o cavallete, eram simples retratos vulgares de *parvenus*, ou algum quadrosinho de genero, encommendado, cujo assumpto era indicado pelo comprador, ou ainda uma marinha ou uma paisagem fria, embora correctas.

Era o Raul, não obstante, muito estimado e considerado, quer pelas meninas ricas, suas discipulas, quer pelos homens graves que o reputavam superior em pintura, pelo facto de nada perceberem d'isso. Quando alguém lhes dizia que o joven pintor não tinha ainda produzido um trabalho de mestre, porque em tal caso teria concorrido á consagração universal do *salon*, de Paris, elles encolhiam magnificamente os hombros.

—Os estrangeiros não nos ligam importancia, diziam. Ainda que elle fosse um outro Rubens. Faz muito bem em não se ariscar a uma injustiça.

E encommendavam-lhe mais retratos a oleo, desde os seus avós, até aos netinhos.

Demais a mais, o Raul tinha a grande vantagem de os pintar muito barato. Um retrato a oleo, copia de photographia, tela de quarenta centimetros, uma libra!

Com decorações, era mais caro. Tinha uma theoria brevemente singular a este respeito. Dizia elle que um sujeito, para ter o prazer de apparecer condecorado n'uma photographia, não recuava ante a despeza de cem mil réis n'um crachá, incluindo os respectivos direitos de mercê, e portanto, seria rebaixar a pintura, não lhe exigir outro tanto para o pintar com decorações mais flammandes ainda do que as produzidas pelas duas cores da camera photographica.

Os cavalleiros e os commendadores, quasi sempre negociantes, sentiam-se abalados por esta argumentação sophistica; mas por um instinto commercial, requeriam um desconto de 75 por cento, que o Raul concedia de boamente, sorrindo-se, porque

ainda lhe ficavam vinte mil réis a mais do que costumava levar aos não condecorados.

A parte esta exploração quasi innocente da humanidade enferma, isto é, dos atacados da mania de figurar em cartão, em bronze, em gesso, em marmore e em tela, o Raul conhecia que, se continuasse n'esta senda, não seriam de certo os retratos dos brasileiros, que lhe dariam nome. E apesar de todo o seu talento, sentia-se pequeno.

Nunca tinha amado com esse amor profundo e entusiasta, que procura na mulher a parte ideal, quer seja do sentimento ou da belleza, conforme se é pintor ou poeta, estatuário ou romancista.

Um dia porém, o olhar magnetico de uma gentil acrobata, formosa até ao delirio, joven e fresca, arrancou-o do inferno da duvida e obscuridade em que vivia consigo mesmo. Amou-a com um amor louco e fervente; e como ambos eram artistas, as suas almas comprehenderam-se.

O Raul desapareceu então subitamente aos olhos dos brasileiros, e sentindo brotar em si pela primeira vez a inspiração, compoz telas admiraveis, que ninguem comprou.

Mandou-as então para o *salon* de Paris. Foram admittidas e elogiadas pela critica; mas, havia tantas igualmente admittidas e elogiadas!

Retirou-se da exposição, coberto de gloria, mas pobre de dinheiro.

Os brasileiros ricos acreditaram então que elle estava doido varrido. E lamentavam-n'o.

E quando elle, com a inspiração facil e fecunda, sob o olhar ardente da sua amante idolatrada, continuava a produzir bellissimos quadros, recusando terminantemente polluir o seu pincel inspirado na reprodução dos saguis condecorados, elles murmuravam a respeito d'elle:

—Pobre rapaz! Está perdido de todo! Arrasado! Oh! sim!

A acrobata, sempre com o seu ar ingenuo e infantil, veio para Lisboa, trabalhar no circo equestre; e elle, embebendo o pincel na luz dos seus olhos, fazia na tela prodigios de transparencia e côr.

A lucta, porém, que sustentava surdamente contra a falta de meios, acarretou-lhe uma tísica pulmonar, que despresou, como sabe fazer um artista que se presa e vive de amor, inspiração e arte.

Sentindo extinguirem-se-lhe as forças, quiz deixar perpetuada na tela a belleza fugitiva da mimosa e juvenil acrobata no periodo desabrochante em que se achava.

E produziu então um quadro extraordinario e unico, o seu canto de *cysne* em pintura.

Toda a belleza da carne, mordente e viva, palpitava em assombrosa nitidez e transparencia n'aquella tela immortal. Quadro espantoso, o d'aquella *Venus* acrobatica, que parecia evocar as mais belles creações do paganismo.

As carnes, desde a cabeça de fada, até aos calcanhares de deusa, pareciam estremecer, açoitadas pelo olhar febricitante do pintor. Os contornos d'aquella corpo delicado, destacavam-se poderosamente n'uma pujança de linhas inaudita. Toda a alma do poeta e do artista, diluira-se na suprema correcção do desenho, na paixão estonteadora do olhar, na audacia da attitude, na felicidade da côr, de um rosado lacteo, por entre o qual se percebiam as veias tenuissimas. E que expressão a da cabeça, a um tempo infantil e meiga, accusando esse periodo da mocidade, dos quinze aos vinte annos!

O quadro era segredo do pintor, o que não impediu que toda a cidade o soubesse pela bocca adoravel da artista envaidecida.

Choveram altos empenhos para o ver, mas o Raul declarou que emquanto fosse vivo, ninguem lhe poria a vista em cima. Era a sua alma d'artista que tinha transportado para aquella tela adorada. Não queria que olhos profanos a devassassem, isso seria o mesmo que devassar o corpo gentil da juvenil acrobata.

—Nunca! respondia elle aos empenhos e até aos offerecimentos de dinheiro.

—O quadro ainda não está prompto. Era esta a phrase de desculpa.

Mas tudo tem um fim, e o Raul acabou por mostral o aos mais intimos amigos de ambos. Foi solemnemente marcado o dia do ultimo retoque. Depois, seria o quadro exposto a uma roda de pessoas intimas dos dois amantes.

N'esse dia, o Raul, sentindo-se mais suffocado do que nunca, chamou o tabellião e fez o seu testamento, deixando o famoso quadro á sua amante, com a condição expressa de nunca o vender, sob pena de, n'esse caso, ser considerado o legado nullo, revertendo a tela para o museu nacional. Todos os outros quadros ficaram igualmente á rapariga, mas sem condições.

Na tarde d'esse dia, reuniram-se no atelier todas as pessoas de intimidade, e entre ellas um titular riquissimo, grande amator d'arte e de artistas, que havia muito perseguia, com uma paixão incendiaria, a formosa acrobata.

O Raul, enfraquecidissimo, mas com um grande entusiasmo d'artista, espalhado no olhar, no sorriso e no rosto cadaverico, arrastou-se até ao quadro, e com mão firme, descerrou-o a todos os olhares avidos.

Um grito de admiração partiu de todas as boccas. As mulheres mordiam os labios até fazer sangue, e os homens, estupefactos, comparavam a cabeça da acrobata com a do quadro, sentindo não lhes ser permittido fazer o exame comp'ete, e quasi duvidavam em qual seria que palpitava a vida physica.

Então na escada do atelier sentiu-se um tropel desusado, medonho. O Raul empallideceu e instinctivamente lançou mão da cortina para occultar a sua maravilha; mas o titular deteve-o com o gesto, e sorrindo, correu a abrir a porta.

O barulho indscriptivel era legitimamente feito por uma duzia de cidadãos de Toy, no honroso exercicio das suas funcções de moços de fretes, conduzindo sobre o dorso possante, os vastos tableiros de um jantar principesco.

Era meia noite quando o Raul, exaltado pelo champagne, se ergueu para fazer a historia do quadro, n'uma especie de dissertação sobre a arte, a gloria e a inspiração.

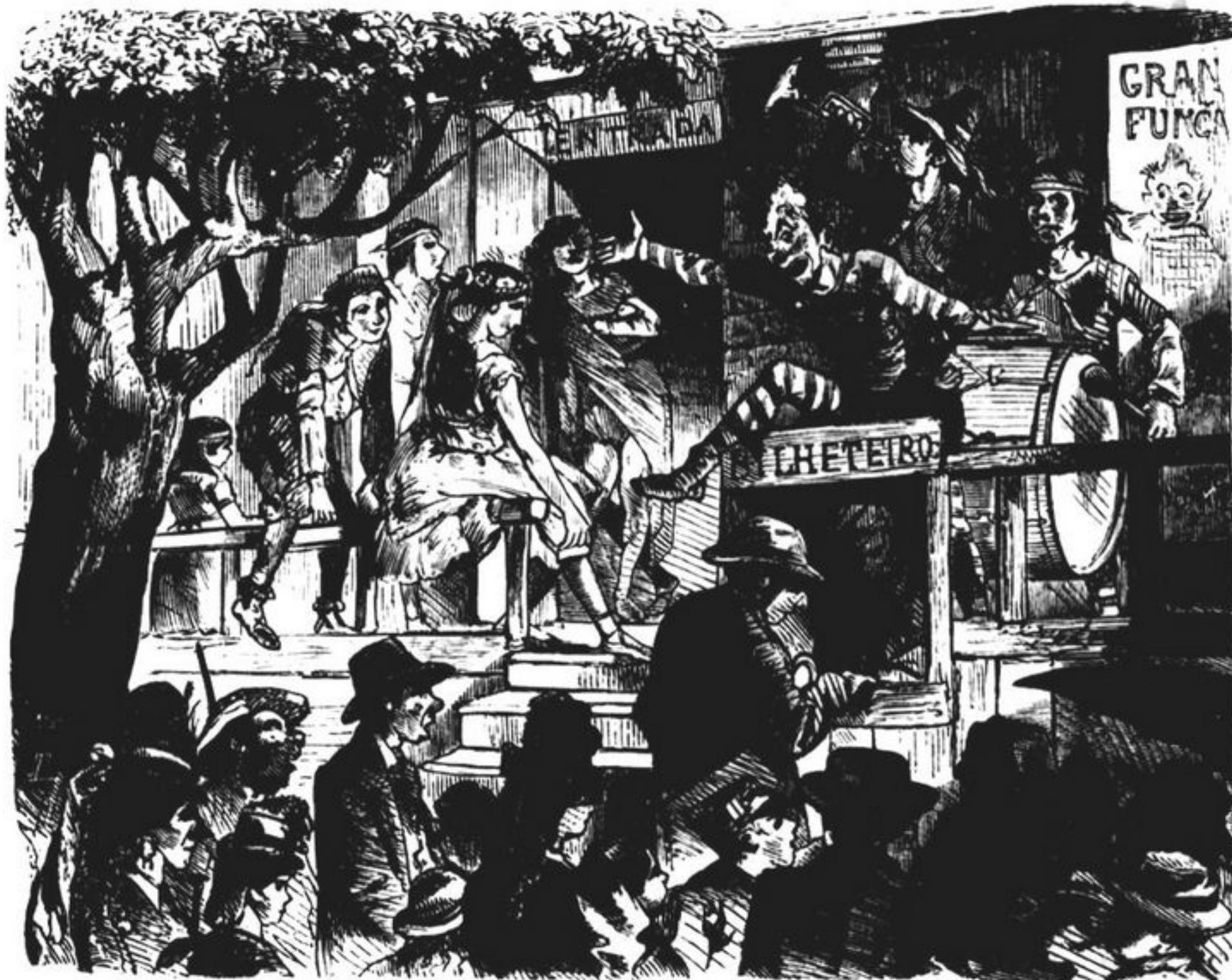
Quando acabou de fallar, a taça escapou-lhe da mão tremula; inclinou para traz a cabeça respirando com força, levou as mãos

ao peito como que a querer abril-o para entrar o ar, e caiu sobre a cadeira redondamente morto.

Um mez depois d'este banquete funebre, os amigos do riquissimo titular admiravam na sua maravilhosa galeria todos os quadros do joven pintor, incluindo o da formosa acrobata.

A gentil rapariga, considerando philosophicamente que podia todos os dias reproduzir-se tão esplendidamente no seu enorme espelho do quarto de toilette, como estava na celebre tela, trocou o quadro por uma *rivière* de brilhantes, escolhida pelo titular, e que causava todas as noites no circo o espanto do publico, chegando a ser cantada nas gazetilhas alegres dos jornaes.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



UM THEATRO DA ANTIGA FEIRA DAS AMOREIRAS

HISTORIA DE ROMA

POR VICTOR DURUY

TRADUÇÃO DE

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

O immenso successo que obteve em Portugal e Brazil a traducção da *Historia de França*, de Henry Martin, revelou-nos o entusiasmo que o publico está mostrando pelas grandes obras historicas, e por isso nos abalançamos á publicação da *Historia de Roma* de VICTOR DURUY, a obra mais importante que até hoje tem apparecido na Europa.

Todos mais ou menos conhecem e nome do grande historiador francez e tem noticia d'este seu trabalho monumental. A *Historia de Roma* será adornada com

400 PRIMOROSAS GRAVURAS

sendo 150 de pagina inteira.

O formato será in-4°, o mesmo da *Historia de França*, o papel de superior qualidade e o typo completamente novo. Sairá aos fasciculos quizenaes de 32 paginas, com cobertura de côr. Custo de cada fasciculo

120 RÉIS

ESCRIPTORIO - Travessa da Queimada, 35, Lisboa